

Lia Ferreira: “A pessoa, acima da sua característica, é uma pessoa.”

Carolina Mortágua e Joana Oliveira

Lia Ferreira, natural do Porto, onde nasceu a 20 de maio de 1980, é licenciada em Arquitetura, doutoranda e investigadora na área de Arquitetura e Urbanismo e possui um mestrado em Estudos da Deficiência e Direitos Humanos. Atualmente, é Deputada à Assembleia da República e integra várias comissões de trabalho.



Lia Ferreira visitou a nossa escola no âmbito do Projeto Parlamento dos Jovens.

CIJ: *Bom dia, chamo-me Carolina e integro a equipa do jornal escolar “Escrita Irrequieta”. Antes de começarmos, quero agradecer o tempo que nos concedeu para a conhecermos melhor.*

Ao longo do seu percurso político, sentiu que a sua condição enquanto mulher e pessoa com deficiência teve impacto nesse caminho?

Lia Ferreira: Não é fácil uma pessoa com deficiência afirmar-se na política. Infelizmente, a sociedade ainda olha e vê a deficiência antes de ver a pessoa. [...] E por isso, parte sempre do princípio que a pessoa não vai ser capaz, que tem um defeito que a limita. Quanto a ser mulher, em 230 deputados, apenas 37% são mulheres, o que mostra bem o quanto as mulheres ainda estão afastadas da política. [...] E, portanto, eu sofro essas duas questões: ser mulher e ter uma deficiência visível. [...]

CIJ: *Essa condição traduziu-se, sobretudo, em obstáculos e como ultrapassá-los, ou pelo contrário, funcionou como uma motivação para intervir politicamente?*

Lia Ferreira: No meu caso, foi a minha deficiência adquirida. Eu tornei-me pessoa com deficiência depois de um acidente, aos quatro anos, e isso fez-me perceber a

diferença entre o antes e o depois, e despertou em mim esta necessidade de ser ativa, de querer ter voz, de querer trabalhar em soluções. [...]

CIJ: *Na nossa escola, os alunos reconhecem esforços no sentido da inclusão, mas também constatam que nem sempre se consegue responder plenamente às diferentes necessidades de cada um. Na sua opinião, quais são, hoje, os principais obstáculos à inclusão efetiva nas escolas? A falta de meios, a forma como a legislação é aplicada ou as mentalidades?*

Lia Ferreira: Penso que é o conjunto, porque tudo começa pelo estereótipo, o preconceito que nós trazemos e que vocês, sem se aperceberem, também têm. E se tudo correr bem, vocês já são a geração mais atenta e desperta para esta desconstrução. Acredito que as próximas gerações vão ser muito menos preconceituosas. [...]

CIJ: *Considera que a legislação atual é suficiente ou são necessárias outras mudanças para que a inclusão deixe de ser apenas um princípio e se torne uma realidade diária?*

Lia Ferreira: Nós temos boa legislação; Portugal é dos países da Europa com legislação mais abrangente e mais interessante do ponto de vista daquilo que propõe para o futuro. Só que nem tudo se resolve com legislação. A legislação é uma parte, mas é preciso ter o conjunto a funcionar. [...] Os próprios professores, por muito despertados que estejam e por muito sensíveis que sejam, precisam de ser apoiados para fazer bem o seu trabalho, precisam de ter materiais. Portanto, tem que ser um conjunto a apoiar uma legislação. [...] A Europa tem olhado para Portugal como um exemplo, pois consideram que as crianças com deficiência não têm de estar à parte, têm de estar com as outras crianças. E o objetivo é dar à estrutura escolar os meios para que se consiga incluir efetivamente, permitindo que todos funcionem no mesmo ambiente.

CIJ: *Esteve envolvida na criação do novo regime jurídico para estudantes com necessidades específicas no ensino superior, debatido no final de 2025. Por que é que foi necessário criar uma lei específica para o ensino superior?*

Lia Ferreira: O que nós vemos do Instituto Nacional de Estatística é que o universo das pessoas com deficiência ainda é o mais exposto à situação de pobreza, porque têm menos oportunidades de emprego, têm mais baixa taxa de escolaridade, e que ainda é mais baixa no ensino superior. [...] Uma das questões que nós propomos é a existência de equipas que apoiem o estudante com necessidades educativas

específicas para que tenha acesso aos recursos de que precisa para continuar no ensino superior e para que não desista por falta de apoio. [...]

CIJ: *Sente que estes alunos, que terminaram o 12.º ano, são abandonados pelo sistema quando entram na faculdade?*

Lia Ferreira: Não é que sejam abandonados, mas o sistema não está preparado devidamente. Hoje está muito melhor. Quando eu fui para a faculdade, aos 18 anos, o sistema estava muito mal preparado. Era praticamente inexistente. Por exemplo, no dia em que eu me fui inscrever, uma pessoa com uma grande responsabilidade naquela faculdade disse-me: "Não há registos de estudantes com deficiência em cadeiras de rodas em Arquitetura. Tens média para escolher o que tu quiseres, escolhe outro curso, mas para aqui não vens." Isto foi o que me foi dito no dia em que eu me fui inscrever na minha faculdade. E eu disse: "Não, se eu tenho média para estar aqui, é aqui que eu quero estar e é aqui que eu vou ficar." E tive de fazer um esforço durante o curso todo para me integrar, porque nada estava adaptado. [...]

CIJ: *Afirmou, na Assembleia da República, que a deficiência não é uma tragédia, a tragédia é um sistema que condiciona direitos. Quando vemos grupos políticos a questionar a inclusão de minorias, como é que podemos acreditar que a inclusão não é uma fragilidade, mas um bem comum?*

Lia Ferreira: É precisamente dando exemplos de como a diferença acrescenta valor, acrescenta perspetivas. E vocês, podem fazer essa experiência, se fizerem um trabalho sozinhas, têm uma perspetiva e o vosso trabalho pode estar muito bem feito, mas se tiverem colegas que também estão entusiasmados e com vontade de trabalhar sobre o mesmo tema e colaborar convosco com o mesmo empenho, esse trabalho melhora. É esta a importância da diversidade. Ouvir todas as pessoas, pois os contributos de cada um são válidos e acrescentam.

CIJ: *Muito obrigada pela inspiração e pelo seu contributo para construir um mundo melhor.*